



MOVIMENTOS DOS DIREITOS CIVIS E A INFLUÊNCIA DA MULHER NEGRA NOS ESTADOS UNIDOS

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3978

Laís Burgemeister Almeida
Kathielle de Aguiar Marques

Resumo

Esta comunicação tem como objetivo principal apresentar e analisar o movimento dos direitos civis na década de 1960 nos Estados Unidos, através da narrativa cinematográfica. Dessa forma, entende-se que uso do cinema em sala de aula pode ser tratado como uma metodologia de didática de ensino, pois trabalhar com a linguagem aproxima os estudantes de problemas históricos. O principal objetivo é trabalhar o contexto das lutas pelos Direitos Civis na década de 1960, destacando como reivindicação a proteção do direito ao voto efetivo, pois havia restrições burocráticas que impediam o exercício civil ao voto das pessoas negras. Para tanto, trabalhamos com o filme *Selma: Uma Luta pela Igualdade*, um drama histórico de 2014, dirigido por Ava Duvernay e escrito por Paul Webb. O filme é baseado na Marcha de Selma a Montgomery pela liderança de Martin Luther King e também revela Diane Nash, uma das representantes femininas do Movimento dos Direitos Civis, era a estrategista e adotava a filosofia de não violência.

Palavras Chave:

Cinema, Direitos Civis e Mulher Negra.

Introdução

Neste texto, buscamos entender o que foi o movimento dos Direitos Civis no Estados Unidos no século XX, através da metodologia do cinema em sala de aula, usaremos o filme *Selma: Um Luta pela Igualdade*, um drama histórico de 2014, dirigido por Ava Duvernay e escrito por Paul Webb.

O filme é baseado na Marcha de Selma à Montgomery, em 1965. Cidade do estado sulista do Alabama, foi palco confrontos raciais, no qual possui como reivindicação a proteção do direito ao voto efetivo. Neste filme nos revela a figura de Diane Nash, uma das representantes femininas do Movimento dos Direitos Civis.

Porém, iremos apresentar outras mulheres que também fizeram parte do movimento dos direitos civis, mas que raramente são lembradas pela história. Primeiramente abordaremos o que foi a segregação racial nos Estados Unidos, além de ressaltar os líderes dos movimentos dos direitos civis, e mostrar a importância representatividade da mulher negra.

Por fim, queremos pensar em como trabalhar o cinema em sala de aula como fonte histórica, como exemplo, o filme *Selma* onde podemos trabalhar o que foi os direitos civis nos Estados Unidos e a influência feminina negra nesse movimento.

Justificativa

No texto, procuramos compreender o que tornou os movimentos dos direitos civis nos Estados Unidos, através do uso do cinema em sala de aula como metodologia de ensino, para que desperte atenção e interesse dos alunos com o assunto. Essa iniciativa começou na disciplina de metodologia do ensino de história, onde começamos a compreender como se usa o cinema como uma ferramenta pedagógica nas escolas.

Com o projeto finalizado apresentamos na Semana do Ensino na nossa universidade UENP (Universidade Estadual do Norte do Paraná) no final de 2016, o projeto tinha como título “Mulher Negra e sua Luta na década de 1960”, onde trabalhamos com o filme *Histórias Cruzadas*, retratamos a Mulher Negra sulista e a segregação racial. Conseguimos atingir todos os nossos objetivos, e assim se concretizou como um material de estudo.

Por fim, com os recentes acontecimentos nos Estados Unidos, decidimos resgatar esse projeto, mas acabamos escolhendo um filme como uma postura mais política, assim foi feita a escolha do filme *Selma: Uma Luta Pela Igualdade*.

Segregação Racial e a Mulher Negra

A segregação racial nos Estados Unidos, era uma forma legal para a discriminação racial nas instalações públicas e privadas, até mesmo as instituições governamentais usavam esse termo.

Um exemplo, era as forças armadas dos Estados Unidos esta que aceitavam homens negros para serem somente soldados, e não aceitavam que eles possuíssem cargos superiores, além disso, nos quartéis haviam locais de treinamento separados dos brancos.

A marca mais visível dessa segregação está presente nas áreas públicas, como ônibus, que possuía uma área "colored" (destinada para pessoas de cor), havia também o mau atendimento às pessoas negras nos hospitais públicos, os banheiros, as escolas e faculdades e até mesmo as igrejas eram segregados racialmente.

Em 1955 aconteceu um marco histórico, uma senhora negra chamada Rosa Parks (1913-2005) se sentou no assento reservado para a “pessoas de cor”, com o ônibus ficando cada vez mais cheio o motorista exigiu que os negros do

assento exclusiva para “pessoas de cor” se levantassem para dar lugar as pessoas brancas, mas Rosa Parks se recusou a se levantar, e com esse ato ela acaba sendo presa por desobedecer a lei de segregação. Isso foi o estopim para a comunidade negra local, já cansada da desigualdade e da discriminação histórica, começa assim uma onda de protestos, com os boicotes de ônibus. As revoltas ganharam mais intensidade e membros, a medida que a insatisfação se evidenciava, se tornando um marco histórica no movimento pelo os direitos civis.

Mas o maior marco desse movimento foi a “Marcha para Washington” ocorrida no ano de 1963, esta que possuía mais de duzentas mil pessoas que defendiam os direitos iguais para todos. Sendo que as marchas eram marcadas por discursos acalorados, visando um mundo melhor para todos. O mais famoso dos discursos foi o de Martin Luther King Jr, que se propagou como um dos principais defensores dos direitos civis, que proclamou:

“Tenho um sonho de que um dia, nas colinas vermelhas da Geórgia, filhos de ex-escravos e filhos dos seus antigos senhores poderão sentar-se juntos à mesa da fraternidade” Martin Luther King Jr, 1963.

Contudo, nem mesmo a “Marcha para Washington” conseguiu o seu objetivo de direitos iguais a todos. Porém o movimento começa a ganhar uma atitude mais radical, seguindo as ideias Malcolm X 1925 a 1965, um ativista que defendia a ideia de separação dos afro-americanos da raça branca, sendo inspirado pelo movimento das Panteras Negras. Mas a expressão “black power” (poder para os negros) foi usado primeiro por Stokely Carmichael, um líder do movimento estudantil que pregava as ideias de não violência, mas sim de cooperação inter-racial. (FRIEDMAN, Michael Jay)

Mas não temos somente nomes

de grandes homens na luta pelos direitos civis, porem são eles que ficaram mais conhecidos pela a história, enquanto as mulheres foram deixadas de lado, como se elas nem tivessem participado, cito agora três grandes mulheres, Diane Nash, Ella Baker e Nina Simone, elas foram de extrema militância na luta pelos direitos civis.

Diane Nash foi uma ativista afro-americana dos direitos civis, mas toda sua militância começou quando estava estudando na Fisk University, onde ela participou do movimento de assentamento nacional, na Carolina do Norte. Assim acabou começando o movimento SCLC (Conferência da Liderança Cristã do Sul), tinha como líder Ella Baker. Logo em seguida Nash ajuda a fundar o SNCC (Coordenação Não-Violenta Estudante). Nash e King, junto com outros parceiros se direcionaram para o estado do Alabama, comprometeram-se a criar um exército não-violento, e criam uma proposta de se manifestar não-violentamente para conseguirem o direito do voto.

Como já vimos Ella Backer foi a fundadora e líder do SCLC (Conferência da Liderança Cristã do Sul), sua liderança ficou conhecida pelo seu carisma, ela promovia a organização de base democrática, e fazia com que os oprimidos criassem a capacidade de se defender por si mesmos. Ela foi a mulher mais influente do movimento dos direitos civis, ficou também conhecida por suas críticas racismo além do sexismo.

Outra defensora dos direitos civis é a cantora Nina Simone, que foi de grande importância para o jazz dos estados Unidos, mas também foi importante na luta pelos direitos. Nina Simone participou da marcha em Selma, e cantou a música Mississippi Goddam, que tem uma letra que denuncia a violência no estado de Mississippi. Após esse acontecimento ela dedicou sua carreira às manifestações e suas músicas se tornaram hinos para o momento, alguns dizem que

ela virou uma “Padroeira” do movimento, mas tudo isso começou a afetar sua carreira, pois vieram vários boicotes das rádios a levando a falência.

No documentário biográfico de Nina Simone, mostra que ela teve convivência com Lasngston Hughes e Lorraine Vivian Hansberry. Mas vamos falar sobre Hansberry, ela é uma mulher negra, e foi a primeira a ter uma peça na Broadway. Nina Simone se inspira em sua peça: “Toung Gifted, and Black” para compor a música “To Be Young”. Hansberry foi como uma professora para Nina, ensinando sobre Marx e Lênin, dando uma formação política para ela.

Quanto mais a esquerda crescia, mais as nações dos Estados Unidos entravam em conflitos com a direita conservadora, fazendo com que os movimentos dos direitos civis fossem aprovados por decisões do tribunal de leis do Congresso, causando mudança irreversível na vida americanos.

Contudo, a segregação ainda está presente na vida dos afro-americanos nos dias atuais. É possível perceber na qualidade de vida, nas oportunidades, na educação e no acesso a empregos. Além do tratamento ríspido da polícia nas comunidades que são habitadas por negros.

Cinema em sala de aula e o Filme: Selma: Uma Luta pela Igualdade

Para desenvolver este texto usamos o artigo científico: Como utilizar o cinema em sala de aula? Notas a respeito das prescrições para o ensino de História. Das autoras Lara Rodrigues Pereira e Cristiani Baretta da Silva. Estas que exploram compreender o uso do cinema em sala de aula como fonte histórica.

Os intelectuais brasileiros, como Jonathas Serrano, um professor da História no Colégio Pedro II, autor do livro Cinema e Educação em 1932, era contra o uso dos filmes comerciais, pois julgava ser um material cheio de

anacronismo. Outro professor brasileiro, Marcos Napolitano, professor da USP, entende que o cinema pode sim, ser trabalhado em sala de aula, mesmo que seja os do tipo comerciais, assim caberá ao professor trabalhar o anacronismo em sala de aula e driblar as armadilhas do cinema. O cinema começa a ser tratado como uma metodologia de ensino no processo de redemocratização do Brasil que se tornou um material educacional indicado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998).

Nosso objetivo é trabalhar o uso do cinema em sala de aula com fonte histórica, além de driblar as dificuldades imposta presentes nele. O cinema vem como uma ferramenta para o ensino na disciplina de história. Buscando que o aluno desenvolva novas perspectivas, levando que o mesmo questione sobre aquilo que lhe é apresentado.

Cinema em sala de aula, não deve ser usado como um método de tampar lacunas, para gastar tempo. Ele deve ser documento, ou melhor, ele só pode ser considerado um documento a partir da análise do professor, cabe ao professor analisar o filme, sua narrativa, o contexto em que foi produzido, sendo que jamais um professor pode trabalhar um filme sem o ter assistido e estudado.

Devemos lembrar que o tempo em sala de aula é muito curto, por isso é necessário que seja feito recortes, destacando as cenas principais que o professor queira trabalhar. Em todos os filmes trabalhados em sala de aula é essencial que seja feito uma ficha roteiro que servirá para identificar o contexto da história, entre outros pontos.

Assim, ao final do filme, o professor pode fazer a mediação através do diálogo entre os alunos sobre o mesmo, vendo se eles perceberam algo a mais do que estava no roteiro, quais as impressões que eles tiveram.

Portanto, os filmes ou documentários são nada mais, que um

conjunto de interesses ideológicos produzidos pelo diretor, mas o professor trabalhará esses interesses, julgando ser importante ou não a ser trabalhados em sala de aula. Isso já era defendido por Napolitano:

“É importante lembrar [...] nas possibilidades de trabalho escolar com o cinema comercial (ficção ou documentário) e não vídeos educativos. Portanto, vamos analisar e discutir obras que não foram produzidas diretamente para o uso didático em sala de aula, mas para a fruição estética na sala de projeção. [...] Dos mais comerciais e descomprometido aos mais sofisticados e “difícil”, os filmes tem sempre uma possibilidade para o trabalho escolar (NAPOLITANO, 2009, p. 11).”

Assim, o uso do cinema em sala de aula, abre a possibilidade para o professor ser o mediador entre os conhecimentos. O filme por mais que seja cheio de objetivos e intensões, tem uma fonte de conhecimentos históricos. Podendo assim, se desprender do uso de filmes específicos de educação, explorando mais além.

Ao trabalhar com o filme *Selma: Uma Luta Pela Igualdade*, apresentamos uma narrativa cinematográfica que conta uma pequena parte da biografia de Martin Luther King Jr, na sua liderança da marcha na cidade de Selma, no estado-sulista do Alabama, tendo com reivindicação o direito ao voto eleitoral para os negros.

No início, o filme já apresenta a importância de King ao receber o prêmio Nobel da paz, onde ele faz mas um de seu discursos. Mas o marcante em seguida é o atentado à quatro garotinhas que foram mortas, por uma bomba.

Na próxima cena, mostra a dificuldade de Annie Lee Cooper uma mulher negra em conseguir direito de votar. Mesmo ela tendo o direito a votar por lei, ainda assim não consegue votar. Na narrativa percebemos que não é a

primeira vez que ela está tentando conseguir seu direito ao voto, porém é sempre impedida por perguntas desnecessárias e ridículas.

Após isso aparece o presidente Johnson falando da sua assinatura de abolição da segregação racial no país, logo em seguida temos King falando com o presidente sobre a importância do voto aos negros. Mas o presidente fala que esta questão teria que esperar, assim, King responde no filme:

“Ela não pode esperar, Sr presidente, [...]. Porque houve milhares de assassinatos por motivo racial no Sul, incluindo aquelas quatro garotas. [...] E também sabe sobre a revoltante fato de que nenhum dos criminosos que nos matam por que e quando querem, jamais foi condenado [...]. Nem uma condenação porque são protegidos por funcionários públicos brancos, escolhidos por um eleitorado de brancos e raras ocasiões em que vão a julgamento são libertados por juris exclusivamente brancos. Exclusivamente brancos porque não se pode fazer parte de um júri quando não se é registrado para votar.” (Filme: *Selma: Uma Luta Pela Igualdade*, 2014)

Mesmo com essa conversa o presidente Johnson diz que não pode fazer nada por enquanto. Isso é o que motiva King ir para Selma, junto com seus parceiros Abernathy, Young Orange e Diane Nash. Sendo que Nash era uma ativista a estrategista da ala estudantil do Movimento dos Direitos Cívicos. Suas campanhas sempre foram bem-sucedidas. Ela foi a cofundadora do Comitê de Coordenação de Estudantes Não Violentos (SNCC), além de ter também ajudado a iniciar e o Projeto de Direitos de Votação do Alabama.

Eles sabiam que nada seria simples em Selma, e isso ficou em evidencia logo na chegada, quando King é recebido por uma agressão física, um soco no rosto. Quando o presidente fica

sabendo da chegada de King em Selma ele começa a monitorar King e sua família, e a ameaça-los constantemente.

King faz um discurso na igreja convidando os negros para “lutarem” pelos seus direitos, assim os convidando para protestarem pacificamente, junto com a Conferência da Liderança Cristã do Sul (SCLC), que era uma organização de estudantes e não governamentada, focada nas questões dos direitos civis dos afro-americanos.

O primeiro momento de manifestação é quando a população negra de Selma caminha até a frente do tribunal e se ajoelham, sendo um jeito de sensibilizar, pois onde ia King, sempre estava presente a mídia, na esperança de não perder nem um momento de King. Mas são impedidos pelo xerife e seus guardas de entrar no tribunal, o xerife se opõe de forma violenta e acaba até prendendo King, quando ele estava preso Malcolm X aparece e conversa com sua esposa, sua mulher tem apoio da ativista Amélia Boynton, que estava sempre na “linha de frente” no movimento dos direitos civis em Selma.

No segundo momento é a marchar de Selma até a capital do estado, Montgomery, porém quando chegam à ponte, são barrados pelos policiais que fecharam o local e atacaram os negros com extrema violência e crueldade, com tiros e bombas de gás. Mas tudo isso foi noticiado pelos jornalistas presentes no local, e causou comoção.

Porém, o governador não mudava sua opinião, o presidente continua tentando impedir a marcha. King, faz o um convite para que todos se juntem na marcha, assim muitas pessoas negras e brancas se unem em apoio ao movimento. Porém King quando chega na ponte decide voltar para trás, pois sentia que tinha alguma armadilha e não queria colocar todas aquelas pessoas em risco, assim ele decide ir pedir o direito da marcha ao o juiz, que por sua vez concede o pedido.

Então, muitas pessoas voltam para as ruas para a marcha, sendo uma marcha passiva e amigável. Quando eles chegam na capital do Alabama, King, faz um discurso de encorajando ao povo negro afro-americano para que eles nunca desistam de seus direitos.

Resultados

Buscamos, que através do uso do cinema em sala de aula, despertemos dois papéis importantes: primeiro o uso do filme enquanto fonte histórica e o segundo apresentar interesse dos alunos por uma aula diferenciada e dinâmica por meio audiovisual, pois o educando mostra grande interesse e intimidade com os filmes comerciais.

O filme Selma: Uma Luta pela Igualdade é um filme comercial, e retrata uma biografia de Martin Luther King, e sua luta pela população negra, principalmente nos estados sulistas, pois eles tinham os direitos a votar, mas eram barrados na sua execução. O filme Selma apresenta uma narrativa diferente dos outros filmes de biografia de King, ele mostra King, como uma figura política, e como tinha grande influência em sua época e até hoje ainda tem, além de mostrar as violências que ele e sua família suportaram, pois, principalmente sua esposa, era vítima de violência psicológicas por meio de telefonemas.

Em suma, queremos mostrar para os alunos as lutas que os negros passaram para terem os seus direitos conquistados, mas que mesmo após esses acontecimentos, ainda temos pessoas com ideias segregacionistas. Que o aluno possa compreender que apesar de etnias e cultura diferentes ainda somos todos iguais e que a mulher também teve grande importância para o movimento, cada uma de uma forma diferente.

Considerações finais

Neste trabalho, trazemos a metodologia do cinema em sala de aula

como uma forma de despertar o interesse da aula com o tema trabalhado, sabemos que cada vez mais nossos alunos estão dispersos em sala de aula. Trabalharemos o cinema como uma ferramenta de ensino, o filme Selma: Uma Luta Pela Igualdade, apresenta bem os acontecimentos da década de 1960, assim tendo uma maior assimilação dos conteúdos.

Além disso, ao desenvolver este projeto foi um grande crescimento pessoal como futuras profissionais, ele mostra como os negros lutaram para conseguirem seus direitos, pois sabia que ao se manifestar estavam corria risco de vida. Sempre lutar pelos nossos direitos, devemos questionar o sistema que estamos inseridos, além de manifestar quando não estiver sendo efetivado.

Referências

FRIEDMAN, Michael Jay (org): **Um Esboço da História Americana**, Departamento de Estado

dos Estados Unidos Escritório de Assuntos Públicos, p. 282 -307, 2012.

TAPAJÓS, Vicente C. Santos. **Estados Unidos da América**. In: História da América. 7ªed. Rio de Janeiro. Farense Universitária, 1979 p.215-250.

PEREIRA, Lara Rodrigues. SILVA, Cristiani Bereta da. **Como utilizar o cinema em sala de aula? Notas a respeito das prescrições para o ensino de História**. In Espaço Pedagógico v. 21, n.2 Passo Fundo, p. 318 -335, jul./ dez. 2014. Disponível em www.upf.br/seer/index.php/rep.

NAPOLITANO, Marcos. Como usar o cinema em sala de aula. 4ª ed. São Paulo, 2009.

Brasil. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. (5ª a 8ª séries). História. Brasília: MEC/SEF,1998. Disponível em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_5a8_historia.pdf.

ALMEIDA, Milton José de. **O Tempo no Cinema, Imagem em Perspectiva**. Campinas: Editores Associados, 1999 p.83-89.

SELMA: Uma Luta Pela Igualdade: Diretor Ava Duvernay e Escrito por Paul Webb. Cinematografia 128 minutos, Agosto de 2014.

NINA Simone: Diretor Frank Lords. Biografia e Documentário, 60 minutos, 1992. Disponível na Netflix.